

**REALIZAÇÃO PROFISSIONAL  
E PRECARIZAÇÃO:**  
estudos sobre o trabalho cultural  
a partir da experiência discente

**Conselho Editorial**  
**Série Letra Capital Acadêmica**

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

João Domingues  
Gustavo Portella Machado  
*Organizadores*

REALIZAÇÃO PROFISSIONAL  
E PRECARIZAÇÃO:  
estudos sobre o trabalho cultural  
a partir da experiência discente

Copyright © João Domingues e Gustavo Portella Machado, 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,  
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Luiz Guimarães

*(Foto: Neostock / iStock.com)*

EDITORIAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

R223

Realização profissional e precarização: estudos sobre o trabalho cultural a partir da experiência discente / organização João Domingues, Gustavo Portella Machado. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

160 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-714-2

1. Produção cultural - Ensino Superior. 2. Formação profissional. 3. Profissionais de nível superior - Emprego. 4. Mercado de Trabalho - Brasil . I. Domingues, João. II. Machado, Gustavo Portella.

19-61545

CDD: 378.81

CDU: 378(81)

---

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

**LETRA CAPITAL EDITORA**  
Telefone (21) 22153781 / 35532236  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

# Sumário

Apresentação.....	7
<b>Gustavo Portella, João Domingues</b>	
Prefácio.....	11
<b>Marina Bay Frydberg</b>	
O ensino da produção cultural entre o mercado e a universidade: um estudo de caso a partir da trajetória na graduação em produção cultural da Universidade Federal Fluminense .....	15
<b>Gustavo Portella Machado</b>	
Notas sobre a relação do graduando de produção cultural e o mercado de trabalho.....	33
<b>Camila Rodrigues, Caroline Alves, Dora Motta, Giulia D’Aiuto, Isabela Souza, Mariana Romão da Silva, Marina Amora, Mayara Ferreira, Natália Sabino</b>	
Precarização do trabalho: uma análise sobre as experiências de estágio dos graduandos de produção cultural da Universidade Federal Fluminense em Niterói .....	55
<b>Lídia N. Fateicha de Oliveira, Letícia Paixão Wermelinger, Rafaela Marsico dos Santos</b>	
MEI como condição de empregabilidade: os desafios do produtor cultural na tentativa de formalização do seu trabalho .....	69
<b>Giulia Ferrão, José Lucas Aguilera, Luiza Ferraz, Marina Garritano, Matheus Valadão</b>	
A reforma previdenciária e suas implicações na desproteção de trabalho do produtor cultural .....	85
<b>Andressa Cericato, Bárbara Silva, Carolina Silva, Helena Damin, Maiara Albuquerque, Pérola Christina, Tati Pascueto, Vinicius Santos</b>	

Saúde do produtor cultural – aspectos físicos, emocionais e mentais .....	99
<b>Fátima Catarino, Mayara Oliveira, Paula Vidal, Jacqueline Champeval, Nathan Campos, Manuela Viana, Tali Oliveira</b>	
E se a economia da cultura debatesse com mais frequência o trabalho? Notas sobre a organização dos interesses laborais no campo cultural.....	112
<b>João Domingues</b>	
Entre a batalha e a guerra: algumas notas sobre o trabalho cultural.....	140
<b>João Domingues, Leandro de Paula</b>	
Sobre as autoras e autores.....	152

# Apresentação

Aos leitores e leitoras.

A concepção desta organização é resultado do esforço de Alunas e alunos do Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), quando de sua participação na disciplina Economia da Cultura entre os anos de 2017 e 2018. No cômputo das discussões em sala de aula percebemos como algumas questões chamavam atenção de nosso corpo discente, expondo várias das contradições que marcam o atual momento do campo produtivo da cultura.

Ainda que contemos em nossa universidade com discentes oriundos de diversos estados da Federação, é possível dizer que as reflexões que seguirão nos artigos dispostos neste livro são decisivamente atravessadas de fundo por duas dimensões fundamentais.

A primeira delas é o encerramento de um ciclo de reorganização econômica – com profundos impactos nos negócios urbanos – do Estado do Rio de Janeiro e, em especial, na sua metrópole. Findo o período de apologia aos legados da recepção de megaeventos esportivos – que, essencial afirmar, teve alguma ressonância positiva na amplitude do mercado cultural metropolitano –, encaramos hoje as reais consequências desse circuito espoliativo para a economia e para o campo cultural no Rio de Janeiro: encarecimento exponencial do preço do solo urbano, retração da disposição de fundos públicos para serviços (inclusive os diretamente ligados à cultura), aumento da taxa de desemprego e subemprego, falência de pequenos negócios. Como consequência direta desse modelo de economia metropolitana temos algumas pistas de como as possibilidades de ampliação de postos de emprego na produção da cultura têm sido dificultados e, principalmente, como cidades vertiginosamente impeditivas à reprodução da vida de novos ingressantes no mercado de trabalho vêm atingindo de forma decisiva nosso corpo discente egresso ou em vias de conclusão de sua graduação.

A segunda dessas dimensões está mais diretamente conectada às transformações políticas em escala federal que o Brasil vem enfrentando pelo menos desde 2015. Consumado o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, assistimos um movimento

extremamente acelerado de retração das garantias históricas para relações trabalhistas e previdenciárias. Prevalcidas as concepções políticas que organizam o Estado brasileiro nesses últimos anos, nos é patente a forma como trabalhadoras e trabalhadores têm sido diretamente atingidos em seus direitos. Além disso, é igualmente singular a maneira como a produção da cultura e da arte tem sido tratada nesses últimos anos, como algum tipo muito especial de ilícito moral. Traduzindo-nos como “mamateiros” ou “vagabundos”, modulações discursivas conservadoras vêm conseguindo fazer difundir em nosso corpo social a ideia de que o trabalho cultural parece algo “menos nobre” ou perigoso.

O que seguirá em diante é sem dúvida um tipo muito especial de reação intelectual a esse complexo quadro. Curiosa a forma como essas/es autoras/res nos auxiliam a enfrentar algumas questões essenciais e pouco debatidas em nossa atual realidade. Dizemos “curiosa” porque seu enfrentamento parece abster-se de uma certa crença cínica, que em seu âmago procura de antemão “celebrar” o lugar que o fenômeno cultural ocupa no desenvolvimento econômico.

Já há alguns anos temos ouvido por meio de uma literatura especializada que a economia da cultura representaria algo em torno de 6% a 7% da riqueza produzida em escala mundial, uma alternativa aparentemente viável, elástica e sustentável à geração de renda e postos de trabalho para economias estagnadas. O que nosso corpo discente parece explicitar é que o acento de importância nessa volumetria não é suficiente para dar conta da totalidade do fenômeno “economia da cultura”.

O que veremos por entre os artigos são posições críticas muito especiais. De alguma forma será possível enxergar uma outra escala de abstração sobre esses problemas, traduzida por atores sociais que lidam diretamente com a “ponta” do universo produtivo da cultura. Assim, veremos como as questões trabalhadas conseguem perceber ambiguidades, bloqueios e vedações que tornam desafiador o cotidiano de trabalhadores e trabalhadoras da cultura.

E é a partir das posições que problematizam *a precarização laboral na cultura, o universo contraditório dos estágios profissionais, as novas formas de contratação e empresariamento, as influências do modelo neoliberal para a saúde, as aludidas reformas das condições de trabalho e aposentadoria*, que a economia da cultura encontra aqui um novo tipo de escrutínio. Veremos testemunhos de uma geração



de trabalhadoras e trabalhadores interessados em perspectivar tanto sua formação educacional quanto a realidade laboral. Passo primeiro para sua transformação, cremos.

Somam-se, então, as várias iniciativas de trabalhadoras e trabalhadores no mundo por melhores condições para o exercício da atividade cultural e artística. Temos aqui também algumas respostas coletivas e criativas daqueles que, também sofrendo incisivamente as contradições do neoliberalismo, respondem mostrando outras possibilidades. Pois, se em algum momento essas/es novas/os profissionais sejam desafiadas/os a escolher entre o pão ou a fantasia, entre o emprego ou a realização profissional, entre os sonhos pessoais ou a saúde mental, temos certeza de que ousarão preferir todos estes.

Ao fim, justamente nesse trecho singular para a política brasileira, estas pesquisas nos chegam em essencial momento. Se hoje acompanhamos a desestruturação do Ministério da Cultura e vemos como as práticas artísticas e expressivas são alvos de constantes constrangimentos e perseguições, respostas como as que temos aqui sinalizam novas expectativas, muito urgentes.

Aproveitamos para agradecer ao empenho de nossas/os autoras/es e afirmar nossa alegria em assistir como essas/es vêm se tornando formuladores de suas vidas e de seu mundo, mesmo em tempos complexos. Agradecemos igualmente à nossa estimada prefaciadora, professora doutora Marina Frydberg, a quem muito nos honra a participação nesta pequena contribuição.

Por fim, agradecemos à Editora Letra Capital pelo cuidado com a publicação, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo financiamento desta publicação. Em tempos de singular especificidade da política no Brasil, em que a universidade, a educação, a ciência e tecnologia vêm enfrentando desafios complexos, fazemos votos que as agências de fomento à pesquisa mantenham uma posição inalienável de auxílio à produção científica.

Rio de Janeiro, 3 de maio de 2019.

**Gustavo Portella, João Domingues**



## Prefácio

O livro apresenta uma intrigante leitura a partir da experiência dos discentes do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, da relação entre a inserção profissional e as condições de trabalho no campo da cultura pensadas a partir de uma visão crítica sobre a formação recebida no curso e os diálogos com o mercado de trabalho. Constrói-se, assim, a partir do protagonismo e das múltiplas trajetórias discentes, reflexões acerca das possibilidades e limitações na formação no campo da Produção Cultural e também das especificidades do mercado de trabalho do próprio produtor. Aliás, essa relação muitas vezes tensa entre mercado e universidade é explorada neste livro a partir de uma perspectiva muito interessante, do olhar dessas jovens e desses jovens das suas experiências tanto na universidade, quanto na inserção no mercado, seja via estágio ou já como Microempreendedor Individual (MEI). Esse olhar em alguns momentos pende para a importância da reflexão crítica construída na universidade para com a profissão e o campo de atuação do produtor cultural. Em outros momentos, o olhar dessas jovens e desses jovens produtores culturais volta-se para o mercado de trabalho, suas necessidades e, principalmente, as formas de exploração da força de trabalho desses estudantes de Produção Cultural.

Podemos identificar neste livro duas discussões centrais. A primeira se desenvolve a partir de interessante mapeamento sobre as formas e os contextos de inserção dessas/es jovens produtoras e produtores no mercado de trabalho e no campo da Produção Cultural. Apresentando o contexto dos estágios e da inserção profissional via MEI discute-se diferentes formas de precarização do trabalho de produtor cultural. O segundo grande debate apresentado no livro envolve as condições de trabalho do produtor cultural, pensando situações de fragilidade nas leis trabalhistas e previdenciárias, assim como da debilidade da própria saúde do trabalhador da cultura. Dois debates atuais e necessários de serem feitos no campo da produção da cultura, principalmente dadas as características exigidas ao trabalhador da cultura.

As necessidades exigidas pelo mercado para a atuação do produtor cultural e o papel da universidade na construção dessas

habilidades é a discussão proposta pelo primeiro artigo desta coletânea, intitulado “O ensino da produção cultural entre o mercado e a Universidade: um estudo de caso a partir da trajetória na Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense”. A partir do relato da trajetória de uma egressa do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense o autor discute o que é exigido pelo mercado como uma boa atuação do produtor cultural, refletindo assim sobre a precarização do trabalho e como isso interfere na qualidade de vida do jovem profissional.

A relação entre a formação acadêmica em Produção Cultural e as expectativas do mercado com relação a esse jovem em formação é problematizada no segundo artigo, chamado “Notas sobre a relação da graduação de Produção Cultural e o mercado de trabalho”. A relação entre os saberes valorizados pelo mercado e o construído pela academia é apontada pelos estudantes como algo tenso, o que reflete no modo como essas jovens e esses jovens compreendem as suas vivências, seja em um campo como no outro. Dificuldade de diálogo entre esses dois universos também é explorado pelo artigo seguinte, nomeado “Precarização do trabalho: uma análise sobre as experiências de estágio dos graduandos de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense em Niterói”, que constrói um panorama da experiência de estágio articulando diferentes esferas como remuneração, atividade exercida e relação com a formação universitária. Esses dois artigos nos apontam, a partir de pesquisas com discentes do curso de Produção Cultural, uma dificuldade de articulação entre as vivências universitárias e profissionais, deixando explícita uma falta de diálogo entre esses dois mundos.

O quarto artigo desta coletânea, titulado “MEI como condição de empregabilidade: os desafios do produtor cultural na tentativa de formalização do seu trabalho”, nos apresenta a realidade dos jovens produtores culturais para ingressarem no mercado profissional e a exigência da adequação às perspectivas do mercado através da atuação como MEI. Apresentando, a partir do olhar de jovens produtores culturais finalizando a formação, o artigo nos apresenta detalhes da precarização e da exploração do trabalho vividas no campo da Produção Cultural. A frágil situação das condições de trabalho do produtor cultural tornam-se ainda mais visíveis no quinto artigo do livro, intitulado “A reforma da previdência e suas implicações na desproteção de trabalho do produtor cultural”. A

vulnerabilidade da situação do trabalhador da cultura é explicitada no artigo através das questões formais, e no sexto artigo do livro pelo olhar psicossocial. A precarização do trabalho do produtor cultural é explorada no artigo “Saúde do produtor cultural: aspectos físicos, emocionais e mentais” através da constatação de como condições de trabalho instáveis influenciam negativamente a saúde física e emocional dos jovens produtores culturais.

No último artigo desta tão necessária coletânea, “E se a economia da cultura debatesse com mais frequência o trabalho? Notas sobre a organização dos interesses laborais no campo cultural”, é apresentada uma contextualização da discussão sobre as abordagens com relação à economia da cultura, principalmente nas discussões que envolvem as condições de trabalho. Com uma leitura complexa sobre a bibliografia contemporânea sobre trabalho, o autor propõe uma avaliação do uso desse repertório analítico para as especificidades da situação laboral no campo da cultura. O trabalho cultural é analisado, assim, a partir de uma articulação com o debate da economia da cultura.

Por fim, não poderia deixar de expressar o frescor e atualidade do livro não só no campo da Produção Cultural como da economia da cultura de maneira mais ampla. Principalmente por explorar, através de diferentes enfoques, essa área de estudo, ainda pouco articulada, que é o pensar sobre o cenário e as condições de trabalho no campo da cultura. Este livro, através do olhar desses jovens, nos exhibe um contexto contemporâneo possível da atuação do produtor cultural, apresentando uma visão complexa e multifacetada dessa profissão tão importante que é o pensar, o planejar e a executar a cultura. Boa leitura!

Niterói, 8 de agosto de 2019.

**Marina Bay Frydberg**



# O ensino da produção cultural entre o mercado e a universidade: um estudo de caso a partir da trajetória na graduação em produção cultural da Universidade Federal Fluminense<sup>1</sup>

**Gustavo Portella Machado**

## 1. Introdução: para pensar a produção cultural e o ensino

Pensar a relação entre ensino e produção cultural permite uma série de afinidades e de confrontos. Para analisar, no entanto, essas relações é preciso distinguir as principais perspectivas que os termos produção cultural e produtores/produtoras culturais apresentam. Parte-se aqui, portanto, da existência de pelo menos duas distinções nessas categorias: uma primeira referente a uma dimensão antropológica da cultura, na qual todo sujeito possui uma capacidade natural de construir subjetividades; e uma outra noção voltada estritamente ao campo laboral, como distinção de um campo profissional específico.

Quanto à perspectiva de produção simbólica universal, Isabell Lorey (2008) tem demonstrado um entendimento do que seria um produtor ou uma produtora cultural para além dos artistas, pensando como um conceito estratégico para designar a imaginação da produção dos próprios sujeitos autônomos e das suas produções de si mesmos (LOREY, 2008). Segundo ela, quando trata-se de produtores culturais

(...) falamos sobre a prática de atravessar uma variedade de coisas: produção teórica, design, auto-organização política e cultural, formas de colaboração, empregos remunerados e não remunerados, economias informais e formais, alianças temporárias, uma forma de trabalhar e de vi-

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente aceito para publicação na *Revista de Educação Popular*, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), publicado em edição especial de jun. 2019.